



A HORA E A VEZ DE FALAR SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UMA NECESSIDADE PARA OS JOVENS

Ozivânia Rodrigues dos Santos Silva[i]

Valdinéia Alves dos Santos Matias[ii]

Joseval dos Reis Miranda [iii]

Eixo Temático: 10. Educação, Corpo, Sexualidade, Gênero.

Resumo: o presente artigo aborda a temática da Educação Sexual na escola, visando mostrar como essa abordagem é urgente, sobretudo, para os jovens. A pesquisa foi realizada com os alunos do 2º ano do Ensino Médio. Como objetivo geral buscamos compreender a concepção que os jovens têm sobre sexualidade, procurando com o objetivo específico, analisar como a escola faz para inserir o tema ao seu cotidiano. Foi realizado um breve estudo em textos referentes à sexualidade e educação sexual e aplicação de questionários com questões abertas e fechadas. Os resultados apontam que segundo os jovens é preciso que a escola oportunize situações que envolvam a orientação e informação sobre a sexualidade de uma forma mais clara e concisa; é preciso que a escola rompa algumas barreiras como a formação do seu corpo docente, principalmente a conquista da confiabilidade de seus alunos para que a educação sexual cumpra seu objetivo de possibilitar ao aluno desenvolver e exercer sua sexualidade de forma responsável e prazerosa.

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade. Jovens e adolescentes.

Resumen: En este artículo se aborda el tema de la educación sexual en la escuela, con el fin de mostrar cómo este enfoque es urgente, especialmente para los jóvenes. La encuesta se llevó a cabo con estudiantes de segundo año de la escuela secundaria. Como objetivo general se busca entender el concepto que tienen los jóvenes sobre la sexualidad, mirando con el objetivo específico de analizar cómo la escuela es insertar el tema en su vida cotidiana. Hemos llevado a cabo un breve estudio de los textos relativos a la sexualidad y la educación sexual y los cuestionarios con preguntas abiertas y cerradas. Los resultados muestran que para los jóvenes es necesario que las situaciones oportunice escolares que implican orientación e información acerca de la sexualidad de una forma más clara y concisa, es necesario que la escuela romper algunas barreras, como la formación del profesorado, especialmente la conquista la fiabilidad de sus estudiantes para que la educación sexual cumple con su objetivo de permitir a los estudiantes a desarrollar y ejercer su sexualidad de manera responsable y placentera.

Palabras clave: Educación sexual. Sexualidad. Jóvenes y adolescentes.

Introdução

A sexualidade na adolescência ultimamente é um dos temas mais abordados e complexos, que acarreta muitas discussões em todas as partes da sociedade principalmente no cenário escolar. E mesmo o assunto estando presente, na mídia, nas músicas, nas revistas e tantos outros meios, que fazem parte do cotidiano e da nossa realidade, ainda se torna muito difícil falar sobre sexualidade e sexo na escola.

Para tanto, o presente artigo aborda a temática da Educação Sexual na escola, visando mostrar como a mesma tem se sido urgente no espaço escolar, e em especial entre alunos do 2º ano do Ensino Médio. Como objetivo geral da pesquisa buscamos compreender a necessidade que os jovens têm de uma educação sexual, procurando com o objetivo específico analisar como a escola faz para inserir o tema ao cotidiano de seus alunos, os auxiliando em suas escolhas e construção de sua autonomia.

O referido trabalho surgiu a partir de discussões em salas de aula, buscando conhecer o interesse dos jovens, em de fato entender o que é a sexualidade e seu direito a informação. Pois, a educação sexual é um direito que pertence a todos e esta contribui significativamente na formação integral, social dos sujeitos, além de ajudar a explicar dúvidas, fazendo com que tenham maior confiança em si mesmo.

Educação sexual: breve histórico

Sexualidade é um termo bastante abrangente que engloba inúmeros fatores e que dificilmente se adapta em uma única e absoluta definição. A sexualidade humana é um tema que se relaciona a varias polêmicas, por envolver questões afetivas, comportamentos e ações realizadas ante a sociedade. Esta se apresenta desde o nascimento, através do contato com outras pessoas, culminando-se por volta dos 12 anos de idade, mas, na pratica a mesma, não acontece desta forma, pois a sexualidade se manifesta nos indivíduos, conforme a realidade de cada um.

Segundo a sexóloga Suplicy (1983), é no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual, uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos dois ou três anos, mesmo sem o uso da palavra. Neste caso, é visível que a família precisa concordar de que ela deve ser a primeira fonte onde seus filhos devem buscar por informações e ação da escola um complemento à educação dada pela família.

Existem vários enfoques sobre a sexualidade, tais como, a concepção higienista voltada ao cuidado do corpo, a biológica relacionada à reprodução humana, entre outros aspectos como a gravidez precoce e as DSTs, que agregam argumentos que mudam de acordo com os entendimentos e crenças convenientes a cada realidade. Em diversos ambientes podem-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto, já em outros, o mesmo é discutido de forma livre e com boa aceitação dos envolvidos.

Em muitos casos o conhecimento que se tem sobre sexualidade, seja esta relacionada ao prazer ou mesmo a atração por outras pessoas (seja do mesmo sexo ou do sexo oposto), com intuito de obter prazer pela satisfação de desejos do corpo, esta diretamente ligada e dependente de fatores genéticos e principalmente culturais. Neste caso, a escola por sua vez deve ter conhecimento que o contexto e a importância das atividades sexuais realizadas, dependem muito das condições socioeconômicas e socioculturais de cada indivíduo, no qual o contexto implica diretamente na sexualidade de cada um. Nesse sentido, a sexualidade, afirma Foucault, é um "dispositivo histórico" (1999). Assim, a sexualidade é um produto social que se organiza a partir de discursos, discursos estes, que ajustam, que normatizam e instauram saberes, produzindo "verdades".

A educação sexual no Brasil foi inserida nas escolas a partir da década de 60, por meio das Diretrizes e

Bases da Educação, que visava orientar os adolescentes por meio de programas de saúde. Surgiu a partir dos anos 90 uma nova abordagem sobre a educação sexual pautada nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997) que definiram a orientação sexual como um dos temas transversais que devem perpassar toda concepção e estruturação do ensino fundamental e médio em nosso país.

A educação sexual propõe ensinar e explicar situações ligadas ao sexo, buscando esclarecer algumas das muitas dúvidas dos jovens sobre preservativos, DSTs, organismo masculino e feminino, anticoncepcionais e gravidez. Entre as inúmeras justificativas apontadas no PCN de Orientação sexual, está o fato que:

A partir de meados dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre os adolescentes e com o risco da contaminação por HIV (vírus da AIDS) entre os jovens. A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa. (BRASIL, 1997, p. 111).

A orientação sexual por sua vez, é um tema que procura relacionar a sexualidade do indivíduo com seu contexto social e ao mesmo tempo visa contribuir em uma sensação de bem estar no desenvolvimento dessa sexualidade.

A orientação sexual é de fundamental importância na atualidade e principalmente no espaço escolar, na qual a idade média da primeira relação sexual entre os jovens está entorno dos 15 anos. Portanto, se faz necessário que a escola prepare seus alunos para poder viver essa experiência com prazer e responsabilidade, para isso se faz necessário que a escola rompa com alguns tabus e preconceitos de ordem cultural e pessoal que sonda as escolas.

A educação sexual na escola

A sexualidade faz parte e estar presente na vida de todo ser humano, pois esta contribui na construção social de cada sujeito. A todo o momento as escolas se deparam com novas exigências referentes a se saber trabalhar com a sexualidade, não só por meio das atitudes de seus alunos, mas também através de sua fala e sua prática.

Falar sobre sexo ainda hoje, agrega muita polêmica e, apesar de todas essas exigências, falar sobre sexualidade é invadir um solo fértil em tabus e reticências. Muito se fala em discutir a sexualidade, porém pouco se discute. De acordo com o PCN de Orientação Sexual:

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam. (BRASIL, 1997, p.83).

Desse modo, a sexualidade está presente diariamente na vida de jovens e adolescentes, pois ela não aponta apenas a parte biológica, mas também se encontra nos aspectos históricos e culturais, criando valores. Desse modo, "[...] cabendo à escola abordar os mais diversos pontos de vista, valores e crenças

existentes na sociedade, visando auxiliar o aluno a construir em si, uma autorreferência por meio da reflexão” (BRASIL, 1997, p.83).

Diante de tantas formações contrárias que os jovens se deparam em seu cotidiano, acerca da sexualidade, faz-se necessário que a escola, enquanto espaço de reflexão e de formação de saberes e valores quebrem o silêncio. É preciso oportunizar discussões, que favoreçam hipóteses para defesa e reflexão de nossos jovens perante sua própria sexualidade e, também, responda às suas constantes indagações. Pois, a escola que negligencia esses aspectos a seus alunos estão contribuindo para que eles criem universos imaginários distorcidos, culpabilizantes e repressivos sobre a sexualidade.

A escola deve buscar acrescentar valores aos seus alunos, e junto com os educadores mais uma vez tenta mostrar de forma delicada e precisa que essa sexualidade, deve atuar em seu próprio benefício e não contra eles, como muitos jovens e adolescentes pensam. Dessa forma, seja qual for a visão sobre o assunto, é importante ainda que se possa manter uma relação de compreensão e aceitação de sua própria sexualidade, pois não há maneira exclusiva para aproximar a sexualidade da adolescência.

É preciso para que isto ocorra que os professores estejam informados e tenham domínio, sobre o que abordam. Para tanto, os professores devem possuir formação específica, para que possam passar para as crianças, os adolescentes, os jovens e até mesmo os adultos, informações que contribua ao desenvolvimento e exercício de sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

Nessa perspectiva, espera-se que o professor possua conhecimento sobre o tema, para levar a seus alunos informações claras e adequadas, estabelecendo uma relação de confiança entre os mesmos, respeitando a opinião dos alunos e seja ainda aberto e flexível ao diálogo quando necessário. Porém, não é essa a realidade como afirma Teixeira:

A escola, os professores e as instituições de formação têm-se remetidos, por razões variadas, para uma posição “educacional descomprometida” sobre este assunto, deixando espaço aberto para as estratégias de consolidação de uma moral conservadora, na procura de novas formas de regulação das relações tradicionais de dominação. (TEIXEIRA, 2012, p.211).

A sexualidade faz parte da vida de todo o ser humano, e não há como discutir tal fato. O cotidiano escolar se depara a todo instante com a cobrança de saber lidar com a sexualidade, não só por meio das atitudes dos alunos, mas também e especialmente através de sua fala, gestos, crenças, olhares e outras formas de manifestações. Isso foi constatado na nossa pesquisa quando solicitamos que os alunos definissem o que era sexualidade. Por diversas vezes eles respondiam com expressões diversas que iam desde a questão do ato sexual, gênero, até a opção sexual de cada um.

Isso só mostra que realmente os estudantes não conhecem de fato o seu verdadeiro significado, e por não conhecerem procuram esclarecer do jeito que entendem ou que ouviram ou viram através de meios de comunicação como TV, internet e jornais. “Todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. [...]” (BRASIL, 1997, p.77).

Sabemos que os meios de comunicação, entre tantos outros utilizam o sexo para chamar a atenção das pessoas e acabam por estimular e despertar curiosidades precoces nos jovens e até em crianças, dificultando o processo de conscientização e responsabilidade individual perante o assunto. No entanto, em relação aos meios de comunicação alguns alunos se contradizem.

Bastante legal, pois muitas vezes tem adolescentes que se perdem por não serem orientados. (Aluno A).

A mídia usa muito o apelo sexual em prol de ganhar muito mais audiência para suas emissoras. (Aluno B).

Nesse aspecto fica evidente que a mídia em certas situações contribui e influencia os jovens e adolescentes sobre seus conceitos sexuais e ao mesmo tempo visam ampliar seu capital, se valendo de abordagens ligadas à questão da sexualidade, para chamar atenção do público jovem.

No entanto, sabemos que diante de todo esse fato, ainda existe uma grande resistência em tratar sobre sexualidade na escola tanto por parte dos professores ao relatarem que esse tema deve ser tratado exclusivamente pela família. Já para os alunos muitas das vezes se sentem envergonhados, pois associam a sexualidade a uma coisa ruim, à vulgaridade, pecado ou rejeição. Limitam-se suas dúvidas, conceitos e preconceitos aos grupos de amigos ou conhecidos.

Segundo os PCNs "A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares." (BRASIL, 1997, p. 78).

A partir das falas dos alunos constatamos que eles consideram importante o papel da escola em debater sobre a sexualidade e querem que a mesma promova momentos na qual esse tema seja discutido, mas na realidade segundo alguns relatos não é isso que acontece. Isso ficou evidente em falas como:

Na minha escola não é abordado muito o tema sexualidade, mas deveria ser.

(Aluno K)

Às vezes, quando uns dos alunos da turma tocam no assunto, e fala sobre sexualidade (Aluno G)

No entanto, a escola é um espaço privilegiado para essas discussões, pois proporciona entre os jovens um aprendizado mais amplo sobre as questões sexuais presentes em seu cotidiano. Segundo Furlani "a escola nesse cenário pode ser vista, não apenas como importante, mas como estratégico na medida em que se constitui num local potencialmente explicitador e questionador" (FURLANI, 2007, p. 271). Porém, o enfoque que a escola dispõe ao tema sexualidade é muito superficial ligado apenas a questões de prevenção de doenças (DST's) com o uso de preservativo ou na disciplina de Biologia ao tratar do sistema reprodutor masculino e feminino. Enquanto isso o PCN de Orientação Sexual menciona que:

[...] a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento á conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescente. (BRASIL, 1997, p. 87).

Podemos analisar que de fato a escola necessita rever a questão da orientação sexual dos seus alunos, já que as manifestações da sexualidade estão por toda parte e principalmente no cotidiano escolar desses alunos, que para esclarecer suas dúvidas sobre o tema procuram espaços, ou pessoas que não estão preparados para lhes fornecerem a explicação necessária e correta, e isso geralmente acontecem por acharem que a escolas e a equipe pedagógica não estão preparados ainda para lhe dar com esse assunto que exige a confiabilidade entre seus atores, que é algo que a escola não conseguiu conquistar ainda. O PCN de Orientação Sexual afirma que:

Para um bom trabalho sobre orientação sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Para isso, o professor deve mostrar disponível para conversa a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedoras. (BRASIL, 1997, p.84).

Nessa perspectiva ao perguntarmos aos alunos se eles achavam se seus professores estariam preparados para abordar o assunto sexualidade dos 30 alunos, apenas 10% falou que sim, e quando questionados se sentiam a vontade para falar sobre sexualidade com seus professores apenas 5% falaram que sim. Segundo Figueiró:

Disso resulta que a sexualidade passa a constituir-se, duplamente, numa fonte problemática, pois, se de um lado a manifestação da sexualidade e o desejo do saber dos alunos têm se acentuado cada vez mais, de outro, é um fator intrigante para o educador que, na maior parte das vezes, não tem sabido (ou não aprendeu) a ensinar sobre a mesma (FIGUEIRÓ, 2004, p. 125).

É necessário que o professor procure se atualizar e estudar sobre a educação sexual para poder transmitir informações corretas do ponto de vista científico para seus alunos desempenhando assim seu papel de profissional. Além disso, ele deve reconhecer e saber que a educação sexual é direito dos seus alunos seja eles crianças, jovens, adultos ou idosos e que esse aspecto também faz parte de seu desenvolvimento.

Para a realização deste trabalho, em um primeiro momento, nos utilizamos de pesquisa bibliográfica e no segundo momento o uso de questionários, que segundo VIEIRA, (2009, p.16) [...] “quando bem realizados proporcionam informações valiosas, sendo um desafio ao entrevistador”. Os questionários possibilitam uma compreensão mais ampla sobre o que esta sendo abordado, podendo chegar a produzir dados de bom resultado para a pesquisa.

Para a análise dos questionários utilizamos para cada jovem uma sigla, ou seja, letras do alfabeto (A, B, C, D...), assim conservando em sigilo sua identidade; Exemplo: aluno A, aluno B e assim por diante.

De acordo com a análise realizada, verificamos que muitos dos adolescentes possuem uma visão equivocada sobre sexualidade, pois muitos declararam que sexualidade refere-se ao ato de praticar o sexo, desconhecendo que a sexualidade faz parte do social do indivíduo e se relaciona a realidade de cada um. Como podemos observar em algumas das falas dos estudantes:

Sexualidade é tudo que se relaciona ao sexo, como a prática do mesmo e opção da escolha sexual, entre outro. (aluno C).

Sexualidade é um termo usado para definir o sexo. (aluno D).

É a definição de quem você gostaria de ser. (aluno E)

A educação sexual se encontra na escola de forma precária, errônea, ou seja, acontece apenas quando profissionais da saúde, realizam palestras informativas e preventivas, focando apenas o cuidado com o corpo e a saúde.

Segundo alguns alunos, por meio dos questionários e conversas informais, estes alegam que muito de seus professores ainda precisam vencer seus próprios preconceitos e buscar por informações que os auxilie a compreender, a educação sexual. Descrevem que os professores devem ser habilitados para

exercer seu papel de facilitador de discussões entre os alunos, deixando que o próprio aluno se posicione em relação à sexualidade. Destacaram ainda que, a escola deveria promover, de forma coletiva com as famílias, situações que abordassem a sexualidade de forma mais natural, respeitando a opção sexual e as escolhas de cada um.

Verificamos também que a escola, não trabalha o tema transversal sexualidade, de forma interdisciplinar, este tema é abordado de forma superficial em disciplinas específicas como Ciências, (Ensino Fundamental), Biologia e Sociologia (Ensino Médio), deixando lacunas na aprendizagem e formação social dos alunos.

Existem ainda, na escola muitos tabus, pois a comunidade escolar ainda vê a sexualidade como um algo distante da realidade dos seus alunos, e acham que se abordarem esse tema estarão incentivando os alunos a prática desmedida do sexo. Esses tabus ainda presentes em boa parte das nossas escolas e sociedade precisam ser quebrados e superados, pois o trabalho escolar deve aproximar alunos e professores de forma que os professores obtenham responsabilidades ao ato de planejar ações que contribuam na formação e desenvolvimento desses jovens. Também se faz necessário que os professores, por meio do diálogo orientem, discutam e tirem as dúvidas de seus alunos relacionadas à sexualidade.

Considerações finais

A necessidade de abordagem do tema sexualidade na escola esta mais do que evidente. No entanto faz-se necessário que a escola rompa algumas barreiras como a formação do seu corpo docente (esses estejam aptos a intervir em situações referentes à sexualidade quando oportuno) principalmente a conquista da confiabilidade de seus alunos. Assim, a educação sexual cumpra seu objetivo maior que é contribuir para que o aluno possa desenvolver e exercer sua sexualidade de forma responsável, saudável e prazerosa.

No atual momento histórico, em pleno século XXI, onde favorece a discussão sobre a sexualidade, hoje as políticas educacionais recomenda o tema como uma proposta interdisciplinar, ou seja, que deve ser abordado em todas as disciplinas e isso tem se tornado um dilema na prática pedagógica do professor. Mas, para que isso ocorra efetivamente é preciso que se haja um adequado planejamento que contemple e respeite as diversas culturas existentes nas nossas escolas.

Diante disso, a educação sexual visa informar e explicar assuntos relacionados ao sexo, livre de qualquer preconceito e tabus. Falar sobre sexo, ainda hoje, provoca em algumas pessoas, certos constrangimentos, vergonha, mas o tema é de suma importância, por esclarecer dúvidas e possibilitar orientação aos adolescentes.

A educação sexual busca preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, convidando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo, evitando futuras situações indesejadas, tendo, por exemplo, a contração de doenças e/ou uma gravidez precoce e indesejada. Embora no Brasil a sexualidade encontre-se presente em todos, ou quase todos os ambientes culturais e, em especial nos meios de comunicação, o debate público sobre o tema ainda permanece polêmico, carregado de discursos preconceituosos e marcado por constantes abordagens negativas. Essas são diretamente relacionadas à gravidez precoce, abusos sexuais e as doenças sexualmente transmissíveis – DST's. A sexualidade diante dessas questões torna-se algo negativo a vida das pessoas, porém é preciso enxergar a sexualidade como um direito e deve ser respeitada por todos os indivíduos.

Contudo e, infelizmente, ainda há um longo caminho a ser percorrido para se chegar ao que se deseja em relação à educação sexual, principalmente no que diz respeito à formação do educador. Muitos professores e professoras ainda estão presos a tabus e a estereótipos sociais de que esse tema só deve ser abordado pela família, pois se eles o fizerem estarão induzindo aos alunos a sua prática.

Assim sendo, é preciso ter em mente que falar sobre sexualidade na escola não é mais só papel de

especialistas, e sim de todos aqueles que estão envolvidos com/na educação. Está na hora de mudarmos nossa concepção sobre a sexualidade e passarmos a entendê-la como outra função humana qualquer para que possamos vivê-la de forma saudável, prazerosa e acima de tudo com responsabilidade respeitando a si próprio, como também a todos e todas.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FURLANI, Jimena. **Sexos, sexualidade e gênero**: monstruosidade no currículo da Educação Sexual. Belo Horizonte: Educação em revista, nº 46, 2007. p. 269-285.

SUPLICY, M. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: olho d'água, 1995. Revista Construir notícias – nº 25- dezembro/2005.

TEIXEIRA, P. Educação e sexualidade em contexto escolar. In_____. REIS, Maria Almeida de Souza; Hilda Alevaco (Org.). **Nexus e sexus**: Perspectivas instituintes. Petrópolis, RJ: DP et ali; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. p. 208-226.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: atlas, 2009.

REIS, Maria Almeida de Souza; Hilda Alevaco (org.). Educação em sexualidade em contextos escolar. In_____. **Nexus e sexus**: Perspectivas instituintes. Petrópolis, Rj: DP et ali; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação**: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

[i] Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências aplicadas e Educação, Departamento de Educação. Email: ozivania_mme@hotmail.com

[ii] Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências aplicadas e Educação, Departamento de Educação. Email: neia_alvesrt@hotmail.com

[iii] Doutor em Educação e professor da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Departamento de Educação. E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br